



**Objetos, imagens,
sabores, memórias:
encontros culturais
entre o Brasil e
nações africanas
de língua portuguesa**

PAÍSES ESPELHADOS

Sesc



*Capa: detalhe de esteiras de palha,
Cabo Delgado, Moçambique
Contra-capa: esteira de palha piaçava,
Bahia, Brasil*

Trançado de palha, Bahia, Brasil



Trançado de palha, Cabo Delgado, Moçambique



*Artesã Bijagó, que produz a tradicional saia Bijagó,
do arquipélago Bijagós, Guiné-Bissau*

Sobrevivências transatlânticas

A Idade Moderna marcou o início de encontros entre culturas que, até então, viviam segundo suas próprias cosmogonias. Se por um lado esses contatos viabilizaram manifestações como a cúmbia, o samba ou o tango, por outro, implicaram em experiências traumáticas para inúmeros povos, tanto nativos quanto aqueles que foram deslocados contra sua vontade.

No caso específico dos territórios invadidos pelos portugueses, a modo de assegurar a manutenção do poder sobre as pessoas escravizadas, foram empregadas estratégias que visavam o apagamento de identidades coletivas, tais como a interdição de idiomas e a proibição de práticas religiosas. Ainda assim, na trama de um tecido, no preparo de um alimento, numa canção de ninar, é possível observar similaridades que mostram nada menos que sobrevivências civilizatórias, formas de resistência que lograram atravessar o Atlântico e manter coesa certa memória coletiva num mundo despedaçado.

Na exposição *Países espelhados: objetos, imagens, sabores, memórias: encontros culturais entre o Brasil e nações africanas de língua portuguesa*, com curadoria de Renato Imbroisi, são apresentadas manifestações culturais representativas das trocas entre Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique. As ações socioeducativas propostas pelo Sesc têm como fundamento valores como a diversidade cultural, as expressões artísticas e a cidadania. A partir de uma proposta que pretende dar visibilidade a ligações e espelhamentos entre essas ex-colônias portuguesas, tenciona-se evidenciar um trabalho de resistência de memória que logrou vencer o tempo e o espaço e, hoje, nos chega como formas, sabores e saberes.

Danilo Santos de Miranda – Diretor do Sesc São Paulo



PAÍSES ESPELHADOS

*Artesã com espelho esculpido à mão
em madeira, São Tomé e Príncipe*

No painel de entrada da exposição, uma série de espelhos de mão, esculpidos em madeira e originalmente criados em oficinas com escultores de São Tomé e Príncipe, revelam o conceito da exposição.

EM CADA ESPELHO, A MOLDURA DE MADEIRA FOI ENTALHADA À MÃO NA FORMA DO CONTO RNO DE PENTEADOS TRADICIONALMENTE USADOS POR SANTOMENSES OU PESSOAS DE OUTROS PAÍSES DA ÁFRICA. AO VER SEU ROSTO ALI REFLETIDO, CADA VISITANTE VIVENCIA O ESPELHAMENTO DO TÍTULO, E NUM OBJETO FEITO À MÃO NO CONTINENTE AFRICANO.

“Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

João Guimarães Rosa em Grande Sertão:

Veredas, Companhia das Letras, São Paulo, 2019



*Tecidos feitos em tear manual
com tiras de panos: à esquerda,
Brasil, à direita, Moçambique*

Países Espelhados reúne referências reveladoras da proximidade cultural e afetiva entre o Brasil e os cinco países africanos de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Ao chegar em Moçambique, em 2003, na aldeia de Maciene, fui surpreendido pela semelhança entre tecidos feitos ali, em tear manual, com tiras de panos coloridos cortados, e os produzidos também à mão por tecelãs mineiras do bairro rural do Muquém, com quem eu já trabalhava. Aqui, elas usavam tiras de chita e lá, tiras de capulanas, o tecido estampado em cores vivas que se encontra no continente africano. É comum para nós, brasileiros, sermos surpreendidos ao desembarcar nestes países, até mesmo pelo jeito de falar português, diferente do nosso e do de Portugal também. Há uma sensação de reconhecimento, a impressão de estar perto de casa, ou de já ter visto alguma coisa dali, vivido situação semelhante. Ao mesmo tempo, a diversidade cultural traz admiração e o prazer de se deparar com algo novo, com identidade própria definida, diferente de nós e, por isso mesmo, encantador. Sem a pretensão de enumerar causas e fazer análises teóricas, antropológicas, ou históricas, Países Espelhados traz um pouco deste deslumbramento diante da constatação de semelhanças entre nós e os africanos que, como nós, foram colonizados por portugueses. É o que se pode experimentar diante das *psikhelekedanes*, miniaturas de cenas do cotidiano, festejos, fatos históricos, esculpidas numa madeira leve chamada mafurreira, pintadas em cores vivas, por artistas moçambicanos da capital, Maputo; que nos remetem às figuras nordestinas modeladas em argila, também coloridas, com representações similares – profissões, festas juninas, cenas do sertão, e que se desenvolveram a partir das criações do genial figureiro pernambucano Mestre Vitalino. O artesanato é o foco central da exposição, que contém outros aspectos reveladores de encontro, semelhança e diferença, como a culinária, arte e citações literárias daqui e de lá.

Renato Imbroisi, curador



*Vendedoras de cestaria da província de Uíge,
na Feira de Benfica, em Luanda, Angola*



A ação educativa na Exposição Países Espelhados – objetos, imagens, sabores, memórias: encontros culturais entre o Brasil e nações africanas de língua portuguesa

A exposição “Países Espelhados – objetos, imagens, sabores, memórias: encontros culturais entre o Brasil e nações africanas de língua portuguesa” versa sobre temas amplos como memória, identidade e ancestralidade. Nesse sentido, o papel da ação educativa é o de trabalhar a proposta curatorial, aquilo que a exposição suscita a partir do seu acervo e os desdobramentos possíveis para atender o visitante. Espera-se que o público que será contemplado pelas ações do educativo seja composto por uma variada gama de agentes sociais, de faixas etárias e experiências diversas. Que estudantes, professoras e professores das redes pública e privada de ensino dos níveis fundamental, médio e superior, bem como visitantes espontâneos que, ao passarem pela unidade do Sesc Consolação se deparem com a exuberância da exposição, se

permitam à possibilidade de fruição estética que a mostra convida. Por isso, levando-se em conta o conteúdo da exposição, um dos grandes objetivos da atuação do núcleo educativo é o de possibilitar à população experiências de identificação positiva com as heranças e com as culturas africana, afro-brasileira e indígena, bem como com a arte contemporânea. É importante ressaltar que, dada à amplitude de temas e assuntos abordados, esta exposição exige do educador, não apenas um conhecimento sobre os cânones da arte e da cultura. É preciso também um profundo conhecimento em áreas do saber muito distintas e diversas, como história, geografia, filosofia, política e artes, bem como uma atuação orientada por normativas que estão atreladas às convenções internacionais e

nacionais sobre acesso cultural e artístico como direito humano. Ao traduzir essas afirmações, os seus correspondentes históricos dizem respeito ao tema das relações raciais no Brasil, suas origens e metamorfoses, amplitude e facticidade. Assim, a abordagem sobre o tema da história da África e da cultura afro-brasileira deve ser entendida como narrativas contra-hegemônicas determinadas em última instância pelo racismo estrutural e institucional, fenômenos indistinguíveis da história do país, bem como indissociáveis da sociedade moderna. Isto porque, em tendo menos de duas décadas de existência da lei que tornou obrigatório o ensino da história da África, da cultura afro-brasileira e indígena, necessita-se, enquanto povo brasileiro, de mais informações sobre esses temas. Desta forma, uma exposição lastreada pelo conteúdo da marca afro-brasileira na formação histórica e plástica do país gera demandas de muitas ordens. Processo em andamento, diante dos impasses que, geralmente, essas transições acarretam, circunstâncias e situações com o público trarão “novas notícias” sobre a quantas anda a compreensão da relação entre Brasil e continente africano pela população paulistana.

Enquanto síntese interpretativa, esse mal-estar civilizatório contemporâneo só será sanado quando efetivarem-se alterações no campo das relações raciais no Brasil e, ainda que demorado, o final do processo acarretará um novo patamar de convívio social.

Em outras palavras, existem determinações sociais nesta exposição cuja governabilidade foge diretamente ao plano curatorial, cabendo ao educativo um papel ativo e crítico em sua atuação. Nesse ponto, há um diálogo profundo com as novas diretrizes do Sesc para se pensar *o tema das diversidades* em seus limites e possibilidades.

“Sem estética, não há ética” diz um velho adágio. Se, dentre as múltiplas formas de definirmos o que é cultura e arte e suas funções, está a relação entre possibilidades e necessidades, eis aqui um ponto acertado dessa mostra e, conseqüentemente, as dificuldades e desafios a serem enfrentados quando trabalhamos nela. Esta exposição e a atuação do corpo educativo são uma boa oportunidade para darmos mais alguns passos na direção de uma sociedade plena de sentido.

Marcio Farias, coordenador do educativo da exposição



*Esculturas em rocha vulcânica da aldeia Chã
das Caldeiras, Ilha do Fogo, Cabo Verde*

África

A África é o continente com o maior número de países do planeta. A diversidade cultural é imensa: em cada país, há diferentes grupos étnicos, cada um com suas tradições, rituais, modelo social, idioma, cultura. Em alguns casos, fronteiras são ultrapassadas por uma mesma etnia, como ocorre com os Makonde, que vivem no Norte de Moçambique e no Sul da Tanzânia.

Assim como o Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe estiveram sob o jugo de Portugal a partir dos séculos 15 ou 16. A vinda forçada de milhões de africanos escravizados para o Brasil (não apenas originários destes países), contribuiu para a miscigenação, trocas e influências culturais.

Muitos brasileiros fizeram o caminho inverso e migraram para países africanos de língua portuguesa, especialmente a partir de 1822, com nossa independência de Portugal. Nas cinco colônias portuguesas africanas, porém, a independência

só aconteceu em 1975. O fim da escravidão também demorou: em São Tomé e Príncipe, por exemplo, foi só em 1953.

Os movimentos e lutas pela independência iniciaram-se na África após o término da Segunda Guerra. Nas colônias portuguesas, apenas em 1960. Nos 41 anos de ditadura salazarista em Portugal, o país travou guerras coloniais com Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, e as colônias asiáticas de Goa e Timor-Leste. A ditadura portuguesa e a colonização só terminaram com a revolução de 25 de abril de 1974.

“A reorganização geopolítica do território africano foi longa e complexa. Toda sorte de questões econômicas, sociais, políticas, religiosas e etno-culturais vieram à tona no processo de independência dos países. Até hoje, na África, há muitíssimos conflitos entre grupos étnicos que procuram ter poder sobre as regiões que consideram seus domínios”.

Do livro Cabelos e Axé: identidade e resistência, do antropólogo Raul Lody, especializado em arte africana, Editora Senac, 2004



*Barcos de pescadores
em São Tomé e Príncipe*

Colonização

"INDAGOU-ME A GINGA (...) SE EU ACHAVA HAVER NO MUNDO PORTAS CAPAZES DE TRANCAR OS CAMINHOS DO MAR. ANTES QUE EU ENCONTRASSE RESPOSTA A TÃO ESQUIVA QUESTÃO, ELA PRÓPRIA CONTESTOU, DIZENDO QUE NÃO, QUE NÃO LHE PARECIA POSSÍVEL AFERROLHAR AS PRAIAS. NOS DIAS ANTIGOS, ACRESCENTOU, OS AFRICANOS OLHAVAM PARA O MAR E O QUE VIAM ERA O FIM. O MAR ERA UMA PAREDE, NÃO UMA ESTRADA. AGORA, OS AFRICANOS OLHAM PARA O MAR E VÊM UM TRILHO ABERTO AOS PORTUGUESES, MAS INTERDITO PARA ELES. NO FUTURO – ASSEGUROU-ME – AQUELE SERÁ UM MAR AFRICANO. O CAMINHO A PARTIR DO QUAL OS AFRICANOS INVENTARÃO O MUNDO"

Do livro A Rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, Quetzal Editores, Viana do Castelo

Nos anos 2000, uma moçambicana, que atua em instituições voltadas a ações sociais com crianças, deu um depoimento que resultou no texto: "Nascida na região Sul, (...) cresceu falando a língua de sua família e também aprendendo português. Casou-se e teve filhos com um rapaz que nasceu na região Central e também havia aprendido o português e o idioma de seus antepassados – diferente daquele dos antepassados dela. O casal só consegue se comunicar em português. Por sua experiência pessoal, e pela consciência da necessidade de unificação após o final da guerra civil, diz que, antes, o português era a língua do opressor, mas hoje, é o idioma da integração nacional."

(Do livro Lá e Cá – trocas culturais entre o Brasil e países africanos de língua portuguesa, de Maria Emilia Kubrusly e Renato Imbroisi, Editora Senac, 2013).



*Artesã da Costa dos
Coqueiros, litoral Norte
da Bahia, Brasil, com
cesto de palha trançada
em produção*

Brasil

Área: 8.514.876 km²

População: 207.000.000 habitantes

Idioma: português

Idiomas indígenas: dos 235

povos indígenas existentes hoje no Brasil, há 180 que falam suas línguas, como Guarani Kaiowá, Guarani M'bia, Guarani Nandeva, Kaingang e Mundukuru, entre outras.

Estima-se que haviam entre 1 e 5 milhões de indígenas na época da chegada dos colonizadores; e 1.300 línguas indígenas diferentes, perdidas devido à morte dos indígenas por epidemias, extermínio, escravização, falta de condições de sobrevivência e aculturação forçada. Alguns povos indígenas, como é o caso dos Umutima, tentam recuperar suas línguas consideradas extintas, com a ajuda dos idosos e dos universitários indígenas. Em 2010, o IBGE informou que havia 817.963 indígenas no Brasil.

“Há três anos passados, na Véspera de Pentecostes, dia 1º de junho de 1935, pela estrada que nos liga à Vila de Estaca Zero, vinha se aproximando de Taperoá uma cavalgada que iria mudar o destino de muitas das pessoas mais poderosas do lugar; incluindo-se entre estas o modesto Cronista-Fidalgo, Rapsodo-Acadêmico e Poeta-Escrivão que lhes fala neste momento.

“ERA, TALVEZ, A MAIS ESTRANHA CAVALGADA QUE JÁ FOI VISTA NO SERTÃO POR HOMEM NASCIDO DE MULHER. ALIÁS, NÃO SEI NEM SE O NOME DE 'CAVALGADA' SE AJUSTA BEM ÀQUILO, QUE PARECIA ANTES UMA ESPÉCIE DE TROPEL CONFUSO DE CAVALOS, JAULAS, CARRETAS, TENDAS, CAVALEIROS E ANIMAIS SELVAGENS. ERA, REALMENTE, UMA VERDADEIRA 'DESFILADA MOURA’”, como muito bem a

classificou depois, na noite daquele mesmo dia, o Doutor Samuel Wandernes, homem intelectual, Poeta e promotor da nossa Comarca”.

Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta, de Ariano Suassuna, Editora Nova Fronteira, RJ, 2017

Angola

País da costa ocidental africana, com área de 1.246.700 km² e população estimada em 30 milhões de habitantes, onde os navegadores portugueses chegaram no final do século 15. Após a independência, o país passou por guerra civil, até 2002. Além do português, tem outras línguas, entre as quais, são consideradas nacionais: quicongo, chócue, umbundo, quibundo, ganguela, cuanhama. A capital é Luanda e o país tem 18 províncias.

Questionado numa entrevista sobre qual a palavra de que mais gosta em quimbundo, o escritor José Eduardo Agualusa respondeu:

“Sou da zona do umbundo, o Huambo. O quimbundo tem uma tradição escrita e o umbundo não tem. Ainda cheguei a aprender quimbundo. É mais fácil responder em umbundo: *ombebua*. Significa “paz””.

Do livro O Terrorista Elegante e Outras Histórias, de Mia Couto e José Eduardo Agualusa, Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2019

O escritor angolano Ondjaki (cujo nome é Ndalú de Almeida) nasceu em 1977, dois anos depois da independência de seu país. No livro em que relata, com delicadeza, memórias de infância, *Os da minha rua* (Língua Geral Livros, Rio de Janeiro, 2015), faz referências sutis à presença de trabalhadores estrangeiros em seu país e outras questões nebulosas, coerente com o ponto de vista da criança, mas trazendo referências históricas. E mostra, ainda, a bem-vinda “presença” brasileira em Angola através das novelas:

“Depois do lanche o Sol ia embora derepentemente. Os soviéticos abandonavam a obra do Mausoléu e ficávamos ali, no muro que dividia a casa da avó Agnette da casa do senhor Tuarles. Passavam também muitos trabalhadores angolanos. Depois passava o camião com uma torneira atrás a jorrar bué de água para acabar com a poeira.”

(...)

“Ninguém falava noutra coisa. O assunto era só o fim da telenovela Roque Santeiro (...)

Contei-lhe do padre que gostava da filha do Sinhôzinho, falei da morte do João Ligeiro quando houve tiroeiro na fazenda do Roque, o jagunço do Sinhôzinho tinha recebido dinheiro pra ir embora de vez, a Mocinha tinha dado um corte no professor Astromar Junqueira, a Ninon tinha beijado o lobisomem numa noite de Lua cheia, a Rosaly ia casar com um fazendeiro rico e o Zé das medalhas andava desconfiado e mesmo muito triste. – O meu pai, lá em Portugal – ela ia falar, mas eu atropelai as palavras dela e inventei um monte de coisas sobre a telenovela, misturei os personagens com os do *Bem-amado*, da *Sinhá Moça*, da *Vereda Tropical* e coisas impossíveis aconteceram assim relatadas naquela noite, no galinheiro abandonado da casa do senhor Tuarles. A Charlita riu.” (...)

Galinhas feitas em papel machê pelo grupo Galinhas de Kikolo, formado por jovens com deficiência motora, que receberam formação através da ong Grupo Amizade em Angola, e vivem no Kikolo, em Cacuaco, Luanda, Angola

**“LÁ EM CIMA NA JANELA
O CAMARADA PROFESSOR
ÁNGEL TINHA A MÃO DELE
NO OMBRO DA CAMARADA
PROFESSORA MARIA, E
DAVA-LHE BEIJINHOS NA
BOCHECHA PARA ELA NÃO
CHORAR TANTO.
UM PINGO DE CHUVA,
SOZINHO, CAIU-ME NA
CABEÇA, NESSA QUE FOI A
ÚLTIMA VEZ QUE VIMOS
AQUELES CAMARADAS
PROFESSORES CUBANOS.”**



Cabo Verde

Um arquipélago de dez ilhas e cinco ilhotas vulcânicas forma este país com área de 4.033 km² e população de 501 mil habitantes, distante menos de 500 quilômetros da costa africana ocidental. Os portugueses chegaram à ilha de Santiago no século 15. O nome Cabo Verde foi tirado de

SODADE

**QUEM MOSTRA' BO
ESS CAMINHO LONGE?**

**ESS CAMINHO
PA SÃO TOMÉ**

**SODADE SODADE
SODADE
DESS NHA TERRA SÃO NICOLAU**

**SI BÔ 'SCREVÊ ME
'M TA 'SCREVÊ' BE
SI BÔ 'SQUECÊ' ME
'M TA 'SQUECÊ' BE**

**ATÉ DIA
QUI BÓ VOLTA**

**SODADE SODADE
SODADE
DESS NHA TERRA SÃO NICOLAU**

Canção de Luiz Moraes e Amandio Cabral, escrita em crioulo cabo-verdiano e eternizada na voz da cabo-verdiana Cesária Évora (1941-2011)

uma província no Senegal (Cap Vert). O país é conhecido por sua música, que conquistou o mundo, inicialmente na voz da cantora Cesária Évora. A língua oficial é o português e fala-se também o crioulo cabo-verdiano. A capital é Praia.

Saudade

Quem lhe mostrava
este caminho distante?

Quem lhe mostrava esse caminho
pra São Tomé

Saudade, saudade

Saudade

De minha terra São Nicolau

Se você me escrever

Vou lhe escrever

Se você me esquecer

Vou lhe esquecer

Até o dia em que nos reencontrarmos

Saudade, saudade

Saudade

da minha terra de São Nicolau



*Marcelino, tecelão e professor de tecelagem,
da Ilha de Santo Antão, que vive e trabalha em
Mindelo, na Ilha São Vicente, Cabo Verde*



*Tecelão produzindo o panu di Pinti,
tradicional da Guiné-Bissau*

Guiné-Bissau

Também na costa ocidental da África, a Guiné-Bissau tem área de 337.000 km² e população estimada em 1.792.400 habitantes. Os portugueses chegaram ali no século 15. Faz fronteira com o Senegal e a Guiné. Possui, ainda, o arquipélago dos Bijagós, com mais de 80 ilhas. A capital é Bissau, a língua oficial é o português, mas há também o crioulo e outras línguas de pequena abrangência.

Olonko *

Adoro vadiar por Bissau e todas as
terras que capita

Para ouvir

Ver poesia viajando

serena

pelos modos, sorrisos e letras dos
nossos jeitos e trejeitos

Me encanta sentir sobre as plantas

O chegar da chuva até rufar o *Sã-
baturmé*

Cheiros, cores, oferecendo gosto e
pintura à bianda

Gentes sem muros

Dizem da verdade do nosso criar,
amar e viver

Por isso e tudo isso

Palmilho o mundo sempre por dentro

Voo a terra com a mesma asa

**● DESTINO NUNCA É MEU LUGAR
NUNCA ME TENHO ESTRANHO
NOUTRA
GUINEENSE É OLONKO
NA TERRA OU FORA
SEMPRE EM CASA.**

*Poema de Ernesto Dabo, do livro Olonko,
Campos da Comunicação, Lisboa, 2018*

** caracol*



Ao lado e abaixo, mulher e homem bijagós, da aldeia Bijante, Ilha de Bubaque, arquipélago Bijagó, Guiné-Bissau. Ela veste a tradicional saia Bijagó, feita a partir de fibras de madeira e raízes; ele é escultor e produziu a bandeja também utilizada como prato.





*Ceramista no Mercado de Bandim,
em Bissau, Guiné-Bissau*

Moçambique

O país fica no sudeste da África, é banhado pelo Oceano Índico a Leste e faz fronteira com a Tanzânia ao Norte, Malawi, Zâmbia e Zimbábue a Oeste. Sua área é de 801.590 km² e a população, 22.894.294 habitantes. Os portugueses chegaram a suas terras no século 15. A língua oficial é o português, mas há outras 17 línguas e muitas etnias diferentes no país. A capital é Maputo.

Uma terra chamada galinha (2007)

“O consultor ajeitou os ombros a mostrar o seu desconforto. Sabia português suficientemente para lhe causar estranheza. Uma terra chamada Galinha? E como se chamam os naturais? Galinheiros? Galinheses? (...)

Viajávamos para Galinha, uma pequena localidade a noroeste da minha cidade natal, a Beira. Para mim, uma reincidência. Os meus trabalhos de biologia me obrigavam a visitar aquela região, no centro do país. Mas, para o estrangeiro, tratava-se de uma estreia absoluta. Ele conhecia outras Áfricas. Não essa, a nossa.

DESDE QUE CHEGARA, O CONSULTOR IA ABANDONANDO A TENTATIVA DE GENERALIZAR. NOS PRIMEIROS DIAS ELE FALAVA EM ÁFRICA COMO SE DE UMA ENTIDADE ÚNICA E FÁCIL SE TRATASSE. EU CONHEÇO ÁFRICA, REPETIA COM INSISTÊNCIA. QUAL ÁFRICA, LHE PERGUNTEI. FRANZIU O SOBROLHO, SUSPEITANDO DA INTENÇÃO DA PERGUNTA. PASSOU-SE O TEMPO E O CONSULTOR FOI FICANDO DESARMADO. Este era

um lugar que ele, afinal, desconhecia. Recebiam-no bem, escutavam com simpatia, tinham tempo, gentileza e paciência. Aconteceu com ele o que sucede ao açúcar no chá: o consultor foi-se dissolvendo. Perdeu medos, barreiras, preconceitos. Mais que a geografia e a paisagem eram as pessoas que o deixavam surpreendido.”

Mia Couto em Palavras em Asas, edição África Imagens Moçambique, Maputo



*Moçambicana com pasta da raiz
mussiro, que protege a pele do rosto,
e colar esculpido em pau preto por
artesãos Makonde*



Litoral de São Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe

País insular localizado no Golfo da Guiné, a 250 km da costa leste do Gabão, com área de pouco mais de 1.000 km² e população estimada em 250 mil habitantes. Os colonizadores chegaram ali no século 15. Há duas ilhas principais:

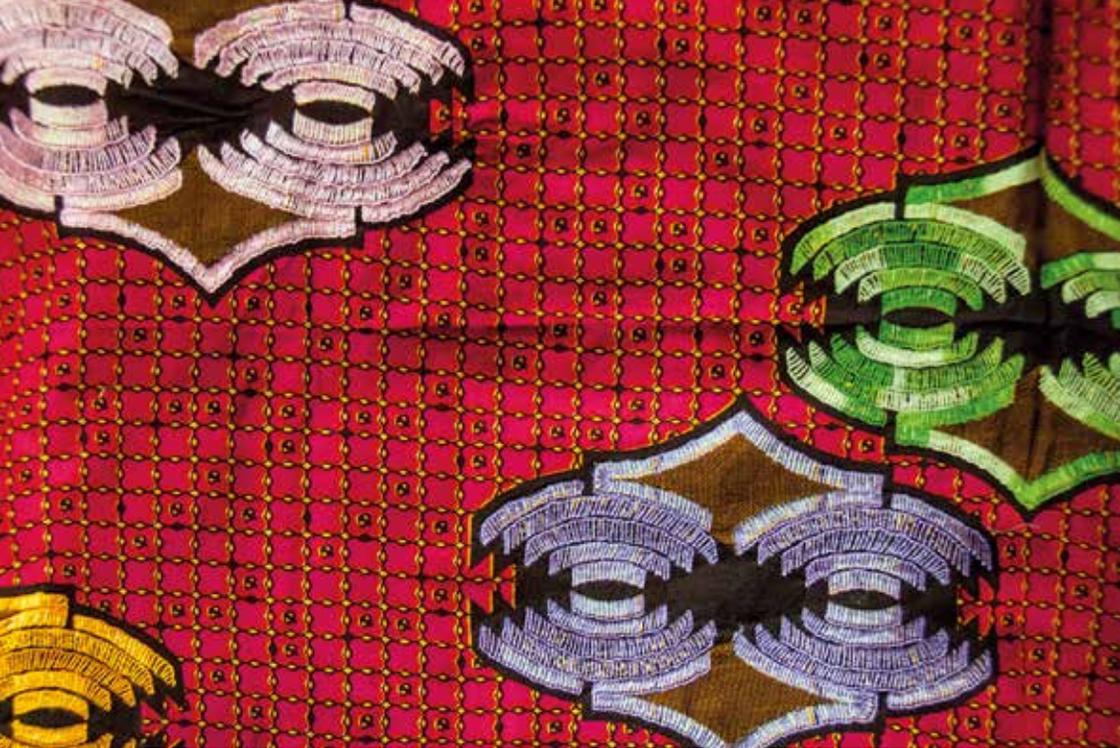
São Tomé, onde fica a capital, que tem o mesmo nome, e Príncipe. A língua oficial é o português, mas falam também o crioulo forro, angolar, crioulo cabo-verdiano e n'unguie ou lunguié, falado apenas na ilha do Príncipe.

ILHA NUA

**COQUEIROS E PALMARES DA TERRA NATAL
MAR AZUL DAS ILHAS PERDIDAS NA CONJUNTURA DOS SÉCULOS
VEGETAÇÃO DENSA NO HORIZONTE IMENSO DOS NOSSOS
SONHOS.**

**VERDURA, OCEANO, CALOR TROPICAL
GRITANDO A SEDE IMENSA DO SALGADO MAR
NO DESERTO PARADOXAL DAS PRAIAS HUMANAS
SEDENTAS DE ESPAÇO E DE VIDA
NOS CANTOS AMARGOS DO OSSOBÔ
ANUNCIANDO O CAIR DAS CHUVAS
VARRENDO DE RIJO A TERRA CALCINADA
SATURADA DO CALOR ARDENTE
MAS FAMÍNTA DA IRRADIAÇÃO HUMANA
ILHAS PARADOXAIS DO SUL DO SARÁ
OS DESERTOS HUMANOS CLAMAM
NA FLORESTA VÍRGEM
DOS TEUS DESTINOS SEM PLANURAS...**

Do livro É Nosso o Solo Sagrado – Poesia de Protesto e Luta, de Alda do Espírito Santo (1926-2010), também conhecida como Alda Graça, ativista na luta pela independência do país; Ulmeiro Editora, Lisboa, 1978





Selo de São Tomé e Príncipe.

Na página anterior, Casa das Bordadeiras de Santa Catarina, construída por iniciativa do Instituto Renato Imbroisi, em 2019, com recursos doados pela brasileira Sílvia Aquino, que visitou o local, onde o grupo, antes, se reunia nas pedras da praia, por não ter uma sede. O projeto usa os tradicionais lambrequins das casas de madeira santomenses como referência forte ao risco do bordado. A capulana foi bordada por elas.



Imbondeiro (ou baobá), Cabo Delgado, Moçambique



Arvoredo

A ideia inicial de mostrar uma espécie de árvore de cada um dos seis países dissolveu-se ante a constatação de que há, também, um espelhamento cultural e uma troca quando, por exemplo, um imbondeiro africano é trazido para o Brasil e cresce saudável em Porto de Galinhas, Pernambuco. Ou ao se aprender que a carnaubeira, palmeira endêmica do Nordeste do Brasil, possui similares, *primas*, na África Central. E que a fruta-pão, amplamente usada na culinária de São Tomé e Príncipe, e cuja folha é símbolo do país, não é nativa de lá, também está no Brasil e em outros países distantes de sua origem, que é a Polinésia. E é claro que espécies locais ainda não transportadas de um lugar para outro estão contempladas na exposição, com seus nomes curiosos, como o dragoeiro da Ilha de Santo Antão, Cabo Verde.



Mercado de Pemba, no distrito de Cabo Delgado, Moçambique

Mercados

Os mercados públicos revelam a identidade, a vida diária, o artesanato, a alma e a culinária de um lugar. A exposição traz um pouco deste universo de ruídos, utensílios de cozinha, peças do artesanato local, e referências à comida, com fotos e representações de ingredientes – como frutas e legumes esculpidos à mão em madeira, por exemplo – e pratos típicos locais – em fotos e referências gráficas.

“Omelete de Micocó

Bata os ovos e junte a cebola picada, pedacinhos de peixe fumado e algumas folhas de micocó. Tempere com sal e, se lhe agrada, um pouco de tuá-tuá.

Leve ao lume uma frigideira com óleo e deixe os ovos tostarem levemente. Este omelete é um dos manjares que os deuses permitem ser acompanhado por qualquer bebida, dependendo do lugar ou do momento.

LER UMA RECEITA ESCRITA NO PORTUGUÊS QUE NÃO É O NOSSO, FALADO NUM PAÍS AFRICANO, TOCA O PALADAR E O CORAÇÃO, AO SE RECONHECER E ESTRANHAR PROCESSOS E PALAVRAS. ESTA É DO LIVRO NA ROÇA COM O TACHOS, DO COZINHADOR (COMO ELE SE DEFINE) SANTOMENSE JOÃO CARLOS SILVA, MAIS CONHECIDO COMO JOÃO ANGOLAR, POIS É NO DISTRITO DE ANGOLARES, NO SUL DA ILHA DE SÃO TOMÉ, QUE MORA E COMANDA SEU RESTAURANTE E SUA Pousada NUMA ANTIGA ROÇA (FAZENDA).

O micocó é uma planta afrodisíaca que vai mudar o mundo. Medicinal amorosa, maravilhosa, é uma verdadeira instituição em São Tomé e Príncipe. Experimente.”

O livro não conta, mas, a visitantes brasileiros, João revela que também encontrou o micocó no Brasil e, segundo ele, chama-se koiô na Bahia e alfavaca em Goiás.

Tecidos

“Os primeiros teares de trama perpendicular chegaram aqui ainda no século XVI, trazidos principalmente pelos padres jesuítas para suprir as necessidades das companhias missionárias que se instalavam. Aos poucos, a técnica de tecelagem europeia foi ensinada aos indígenas e, com a chegada dos escravizados, também a estes, que eram encarregados de produzir tecidos rústicos de algodão para confecção de roupas para si próprios e suprir algumas das necessidades de seus patrões, já que, durante muitos anos, os tecidos mais elaborados eram importados. Com os países luso-africanos, a chegada da tecelagem em teares de trama perpendicular segue trajetória semelhante, nem sempre, porém, sendo atribuída aos portugueses. Alguns historiadores atribuem aos árabes a introdução da tecelagem e a confecção de roupas de algodão.”

Do livro Lá e Cá – trocas culturais entre o Brasil e países africanos de língua portuguesa, de Maria Emilia Kubrusly e Renato Imbroisi, Editora Senac, 2013

A tecelagem manual é uma técnica forte e ainda representativa do artesanato de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. Historicamente, há uma ligação entre os dois países, com a produção de tecidos de algodão em tom natural e tingido, principalmente com índigo, formando padronagens tradicionais e com desenhos representativos e simbólicos.

Tradicionalmente, em Cabo Verde produzem-se os chamados *panus di terra* ou *panus d’obra*, em tiras que podem ser costuradas umas às outras, formando peças maiores. Na Guiné-Bissau, a denominação é *panus di pinti* (panos de pente) e há diferenças de padronagens e usos. Quanto mais complexa e trabalhada a trama, mais valorizado o tecido, sobre o qual se diz “este tem obra”. Em Angola, houve uma significativa produção de tecidos feitos à mão, em algodão e fibra (chamada ráfia), com os quais se produziam os panos de palha que, segundo relatos do século 16, eram usados pelo rei e cortesãos.



No Brasil, a tecelagem manual chegou a Minas Gerais trazida pelos agrupamentos populacionais – famílias e seus escravizados – que ali se instalaram em busca do ouro. Hoje, ainda é praticada em núcleos rurais. No Muquém, bairro do município de Carvalhos, artesãos mantêm viva a tradição local da tecelagem mineira, com inovações como os tecidos de algodão feitos em tear e depois bordados com temas rurais.

Os tecidos cabo-verdianos vieram para o Brasil, provavelmente, por mãos de escravizados, e ganharam contornos ritualísticos, compondo a vestimenta tradicional das baianas. Chamam-se pano da costa, provavelmente por sua origem ser a costa africana.

*Tradicional tecido mineiro bordado à mão,
Minas Gerais, Brasil*



*Tecido artesanal com detalhes em crochê,
Minas Gerais, Brasil e capulana bordada,
São Tomé e Príncipe (dir.)*



AS CAPULANAS, TAMBÉM CHAMADAS DE PANOS AFRICANOS, PARECEM COBRIR O CONTINENTE, ESPECIALMENTE A ÁFRICA SUBSAARIANA, COM SUAS CORES VIVAS E ESTAMPAS QUE REPLICAM ANIMAIS FLORES, FORMAS SIMILARES A ARABESCOS, DESENHOS GEOMÉTRICOS E ATÉ MOTIVOS INESPERADOS, COMO GARRAFAS DE COCA-COLA OU PICOLÉS.

Com elas, pessoas se vestem, se enrolam, embrulham recém-nascidos, as mulheres prendem os filhos às costas, produzem-se roupas de estilo tradicional africano ou europeu, principalmente nos minúsculos ateliês de alfaiates, presentes em vários países, que trabalham de porta aberta, no meio na rua e ali aceitam encomendas, tiram medidas e comercializam as peças.

A tecelagem tradicional de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, com suas tramas detalhadas feitas em algodão, inspiram as chamadas “redes de dormir” de Xique-Xique, na cidade de Pedro II, no Piauí, a 210 quilômetros de Teresina. A história desta prática artesanal local dá conta da chegada de três feiras missionárias que teriam introduzido a técnica no século 19. Não se sabe se elas vieram de Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Muitas descobertas de similaridades e beleza ainda estão por vir nos encontros entre brasileiros e moçambicanos, cabo-verdianos, santomenses, angolanos e guineenses.

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL **Joel Naimayer Padula** COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ivan Giannini ADMINISTRAÇÃO **Luiz Deoclécio Massaro Galina**

ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO **Sérgio José Battistelli**

GERENTES

ARTES VISUAIS E TECNOLOGIA **Juliana Braga de Mattos** ARTES

GRÁFICAS **Hélcio Magalhães** CONSOLAÇÃO **Mariângela Abbatempo**

EQUIPE SESC

Abigail Vaz, Adriano Alves Pinto, Allison Lopes Rocha, Carlos A. O.

Morgado, Cynthia Petnys, Elaine de Sousa, Gabriela Borsoi, Leonardo

Borges, Marco Antonio da Silva, Mayra de Macedo Schatzer, Sabrina

Popp Marin e Suellen de Sousa Barbosa

PROJETO - INSTITUTO COLIBRI E INSTITUTO RENATO IMBROISI

EQUIPE DE CRIAÇÃO

CURADORIA E DIREÇÃO DE ARTE **Renato Imbroisi** PROJETO DE

ARQUITETURA E AMBIENTAÇÃO **Tina Moura, Lui Lo Pumo, Denise**

Hemielevski | LT Arquitetura FOTOGRAFIA **Lena Trindade, Lucas**

Moura, Martino Piccinini, Ricardo Beliel DESIGN GRÁFICO **Claudia**

Portela PESQUISA E TEXTO **Maria Emilia Kubrusly** REVISÃO **Ariett**

Gouveia PRODUÇÃO EXECUTIVA **Bernadete Passos** PRODUÇÃO

Vanessa Saraiva ADMINISTRAÇÃO **Pedro Scotti** MONTAGEM FINA

Roberval Layus e Equipe Cenográfica PROJETO LUMINOTÉCNICO

Binho Schaeffer (em memória), **André Boll** PROJETO ELÉTRICO

Marcos Alvez de Azevedo PROJETO TÉCNICO DE SOM **Marcos Santos**

AUDIOVISUAL **Aiuê Produtora** CONSULTORIA EM BIOLOGIA **Marco**

Rocha Asanome CONSULTORIA EM ANTROPOLOGIA **Sônia Lorenz**

Agradecemos a todos que contribuíram de alguma forma para a realização desta exposição, seja com o envio de objetos de países distantes, o apoio durante nossas visitas a Cabo Verde e Guiné-Bissau ou, ainda, com sugestões, consultoria e boas ideias

Renato Imbroisi, curador



Colheres esculpidas pelo artista santomense Tomé Cravid Coelho, com temas da fauna marinha e flora locais



Agende sua visita em
www.sescsp.org.br

Sesc Consolação

Rua Dr. Vila Nova, 245

01222-020 São Paulo - SP

↕ Higienópolis-Mackenzie

Tel: (11) 3234-3000

   /sescconsolacao